

Complexidade da efetividade, realidade e perspectivismo

Roberto Barros*

Data de recebimento: 24/06/2010

Data de aprovação: 10/12/2010

Resumo:

A exposição a seguir objetiva abordar aspectos do caráter perspectivístico que Nietzsche identifica no processo de construção da filosofia e da ciência. A partir de seu afastamento dos modelos metafísico-racionalista e da inserção da perspectiva psicológica na análise de processos cognitivos e de resultados científicos, é possível para o filósofo não apenas analisar os pressupostos interpretativos de ambas, mas até mesmo a problematizar a capacidade do aparato cognitivo humano, enquanto meio de expressão e de interpretação da Realidade (Realität). Disso resulta não apenas uma concepção outra desta, tomada enquanto fator, mas não produto da capacidade representacional humana (Wirklichkeit), mas também uma reconsideração necessária da própria capacidade humana de perscrutá-la.

Palavras-chave: efetividade; realidade; perspectivismo; razão; consciência; moral.

Complexity of effectivity, reality and perspectivism

Abstract: The following exposition aims to consider aspects of the perspectivist character that Nietzsche identifies in philosophy and in science. From the philosopher's distance of the metaphysical rationalist points of view and the insertion of the psychological perspective in the cognitive process analysis as well as the scientific results, the philosopher can not only analyze but also mull over the limits of the human cognitive apparatus as a medium of interpretation and representation of the reality (Realität). From this results not only a new consideration of it, taken as a factor, but not as a product of the human representational capacity (Wirklichkeit), but also a necessary reconsideration of the human capacity to investigate her.

Keywords: effectivity; reality; perspectivism; reason; conscience; moral.

A filosofia de Nietzsche é indubitavelmente um legado da tradição crítico-racional da filosofia. Muitos de seus posicionamentos teóricos e doutrinários advêm desta, mas também são manifestações do desejo de afastamento de pressupostos basilares deste modo de filosofar. Aqui parte-se da idéia de que a sua filosofia se distancia desta tradição de pensamento precisamente a partir do acirramento da motivação crítica da filosofia moderna, que o leva a formular outros pressupostos para a atividade filosófico-

* Doutor em Filosofia pela Universidade Técnica de Berlim (Alemanha). Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Contato: Robertbarr@gmx.net

científica. A filosofia do autor em questão, com efeito, move-se em um sentido possibilitado pelo próprio desejo de verdade da filosofia, com o diferencial de que isto acaba por remetê-la a uma consideração não mais incondicionalmente afirmativa do racionalismo ocidental que, para Nietzsche, desde Platão baseia-se na fé na capacidade cognoscitiva do intelecto e no alcance da verdade isenta de contradições. Disso decorre, como postulado insuperável presente no cerne da cultura ocidental, a necessidade da observância de procedimentos eminentemente racionais para a consideração daquilo que a realidade seria em última instância. De tal aspiração provém, segundo Nietzsche, a elaboração arbitrária de uma noção de realidade (Realität)¹, fundada na estaticidade da identidade, que a seu ver determinou os rumos da metafísica, da filosofia e da ciência no ocidente. Para ele tal princípio apresenta-se criticável por: a) primeiramente não possuir correlativos existenciais e por outro lado, b) por sua justificação teórica apresentar enorme carência lógica, tendo-se em consideração que o próprio princípio de identidade, a base fundante de toda lógica e metafísica, não passa de um pressuposto arbitrariamente formulado, cuja origem pode ser elucidada por meio da compreensão da função, forma de atuação e necessidade biológica da racionalidade humana (SPIEKERMANN, K. *Naturwissenschaft als subjektlose Macht*, p. 85). Para Nietzsche o aparato simbólico mais refinado da atividade representativa do homem é, a saber, a linguagem. É com ela que efetuamos as nossas primeiras generalizações, das quais decorrem as identidades e as regras dos conceitos que, para ele, passaram a justificar e a servir de fundamento a toda aspiração humana pela verdade, esta baseada em princípios como universalidade e exatidão. Disso decorrem as dicotomias metafísicas e a crença na essencialização do real.

A partir da afirmação da precedência da linguagem sobre o conceito e a verdade, Nietzsche opõe-se às hierarquias metafísicas e a seus parâmetros de identificação da realidade fundados na identidade entre conceito e coisa. Sua reflexão é norteadada por uma noção outra da relação entre linguagem e existente e dialoga criticamente com a

¹ Aqui parte-se de uma diferenciação entre *Wirklichkeit* e *Realität* na filosofia de Nietzsche. O primeiro termo designa o produto da interpretação e representação humana do existente (Schlimgen, *Nietzsches theorie des Bewusstseins*, p. 88). O segundo designa o próprio existente em sua dinamicidade, imprevisibilidade e impossível determinação absoluta. Não se trata de propor uma dicotomia metafísica, mas sim uma diferenciação psicológico-representacional entre ambas. A argumentação a seguir visa tornar mais clara esta separação que, terminologicamente, é bastante plausível na filosofia nietzscheana – O fragmento póstumo intitulado “Zur Psychologie und Erkenntnislehre” (NF/FP 13, 11[113] novembro de 1887-março de 1888) é significativamente exemplar neste sentido. Mais sobre este tema sugere-se um remetimento à nota número três (3) do artigo *Crítica científica e modelos interpretativos em Nietzsche*, de minha autoria e publicado no volume 31 (2), 2008 da revista *Trans/Form/ação*.

concepção esquemático-conceitualista da filosofia moderna, fundamentalmente no que se refere à necessidade desta de submeter à compreensão do real ao racional. Esta consideração do legado racionalista na tradição filosófica moderna o liga, ainda que criticamente, à concepção idealista da efetividade, pensada como produto representacional do intelecto. O ponto de partida de Nietzsche é uma consideração discordante da interpretação tradicional da racionalidade mantida pela filosofia e das presumíveis possibilidades desta de captar a realidade de modo essencial, traço que ele identifica como presente na filosofia desde Platão e que para ele remeteu a filosofia posterior a sempre interpretar a racionalidade humana como meio de alcance de princípios estáveis e essenciais, em oposição à transitoriedade do existente (NF/FP 11, 35[35] maio-junho de 1885)². Para Nietzsche, impulsionado por uma perspectiva nominalista e por influências neo-lamarckistas (FREZZATTI, *Nietzsche contra Darwin*, p. 25), a filosofia tende decisivamente a uma interpretação funcional adaptativa da racionalidade e do intelecto humano, que desde o ensaio teórico *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral*, mas decisivamente nos escritos de segunda fase, se refere a ambos a partir da sua significação para a autoconservação (*Selbsterhaltung*) do homem. Mesmo com a ampliação do significado de princípio de autoconservação, a partir de sua inserção como aspecto secundário do operador teórico do princípio da vontade de poder, a razão é interpretada por Nietzsche por meio de pressupostos adaptativos com forte conotação orgânica. Para ele a função primordial da racionalidade humana é a expansão e a preservação das possibilidades de manutenção vital do homem, o que deve distanciar a sua interpretação de qualquer natural aspiração pela verdade e de prioritário desejo pelo conhecimento. Segundo ele, a busca humana pelo conhecimento deve ser objeto de uma interpretação psicológica prévia, não moralizada, com vistas a tornar evidentes tanto a sua forma própria de atuação, como também a virtualidade possível de suas aspirações (NF/FP 11, 26[52] verão-outono de 1884).

A interpretação psicológica do aparato cognitivo humano feita por Nietzsche afasta-se do pressuposto da racionalidade entendida como faculdade superior e distintiva da espécie humana. Antes esta é entendida, mas não apenas desse modo, como produto do conjunto de aspectos somáticos que constituem a existência orgânica que, como instrumento de seu existir próprio baseado na vontade de poder, é a fonte

² Todas as referências feitas a escritos de Nietzsche se reportam a *Kritische Studien Ausgabe*, (KSA), München/Berlin, DTV, Walter de Gruyter, 1988.

originária da racionalidade e da consciência. Não se trata de uma negação da existência de ambas, de um reducionismo destas em prol de fatores unicamente corpóreos e biológicos, mas da refutação de princípios tais como independência ou pureza das mesmas, com os quais foram construídos e afirmados os parâmetros das considerações metafísica e racionalista. Estes posicionamentos obliteraram, por meio de princípios morais justificados como teóricos, a complexidade de noções como razão e consciência. A limitação de tal forma de interpretação se mostra evidente para Nietzsche na tendência do racionalismo metafísico a tratar razão e consciência como princípios unitários, passíveis de justificação unicamente por meio de uma definição conceitual auto-regulativa (ABEL, *Bewusstsein – Sprache – Natur*, p. 31). Para ele, estas duas faculdades necessitam ser interpretadas a partir não apenas em sua relação como o corpo, mas também como a própria natureza (JGB/BM, §230), que atua também sobre este e, desse modo, inviabiliza a tentativa de uma definição unicamente por princípio de ambas. Tal direcionamento é decisivamente moral e restrito a padrões comprometidos com princípios valorativos, dependentes de uma elevada valorização da razão e da consciência. Ele oblitera, segundo Nietzsche, o aspecto prático, funcional de ambos, imediatamente envolvidos com a vontade de poder, com a autoconservação, com o desejo de domínio da natureza e com a vida social. Desse modo, a verdade, o elevadíssimo conceito desta forma de avaliação, pode ser interpretada como resultado da necessidade identificadora e estatizante da razão em sua busca por orientações práticas e do que disso decorre, como meio de satisfação da necessidade prática da igualdade de fatos (WS/AS, §12). A racionalidade atua por meio da produção de noções gerais e do estabelecimento de designações unitárias e identidades estáticas, que possibilitam considerações genéricas da multiplicidade em seu devir e transitoriedade (NF/FP 11, 34[252] abril-junho de 1885). O relativo sucesso universalista desta forma de consideração no que se refere ao controle quer da natureza (KAULBACH, *Nietzsches Idee einer Experimentalphilosophie*, p. 15), quer de outros homens, determina a origem da moral que passa então justificá-la. Esta perspectiva valorativa implica também na fonte dos princípios metafísicos, em um binário que passa a não apenas afirmar a pertinência, validade e necessidade da verdade, mas também a tomá-la como princípio incondicionado, como coisa em si.

Um meio para demonstrar as efetivas relações que sustentam os valores fundantes da cultura ocidental é a análise do funcionamento da linguagem, esta

entendida como meio privilegiado de acesso e de desmistificação tanto da razão, como da verdade, da consciência e do conhecimento. Nesse sentido, contrariamente à tradição racionalista, ao invés de tentar demonstrar a amplitude da designação conceitual inerente às palavras mesmas, Nietzsche opta por demonstrar a própria fragilidade destas generalizações, decisivamente no que diz respeito à correlação entre aquilo que é dito e aquilo que é designado. Isso significa que a subsunção do conceito é frágil e falível sob o ponto de vista do conhecimento efetivo daquilo ao qual se refere, pois jamais designa as coisas tal como elas são, mas sim se refere a elas ignorando as suas particularidades, portanto de modo simplificador. Circunscrita ao domínio da mera conceitualidade, a filosofia se revela como produzir e bolinar de conceitos, no qual o primado da não contradição e da coerência interna entre os termos torna-se muito mais importante que a sua correlação efetiva com o existente. Desta ausência de relações originam-se os princípios fundantes da metafísica e do racionalismo, tais como o do “Ser”, da “verdade” e da “coisa em si” que, entretanto, reconsiderados a partir de uma perspectiva não metafísica de consideração da linguagem, se apresentam como formulações idealizadas e artificiais.

A reflexão acerca do existente necessita então se afastar destes pressupostos interpretativos. Mesmo aceitando o pressuposto de que o mundo com o qual se ocupa o intelecto é em última instância um produto desta mesma faculdade (NF/FP 11, 25[313] primavera de 1884), Nietzsche refuta a possibilidade de que esta representação possa fornecer um caráter mais real dele, muito embora a tendência de pensá-lo como unidade seja mesmo um aspecto funcional e inerente da própria razão humana. Como argumento mais plausível ele opta por se referir à efetividade como produto dos impulsos e de nossa capacidade representativa (VM/OS, §32), pois “pensar é apenas a relação destes impulsos entre si” (JGB/BM, §36). É precisamente a compreensão desta tendência que guia a sua abordagem científico-filosófica acerca da efetividade. Pois o pensador probo deve tomar todas as suas representações e interpretações como provenientes de relações com a realidade indeterminável do mundo, e não mais com a essência desta, mas sim com representações suas e por isso admitir todas elas como discutíveis e sem relações para com uma verdade definitiva acerca de algo (WS/AS, §43). O conceito torna-se com isso uma noção em aberto, não mais uma via de acesso privilegiada para a verdade objetiva que, por sua vez, não pode mais ser tomada como o princípio basilar do conhecimento, pois como argumenta Nietzsche: “Do mesmo modo como o tamanho da

minha cobiça pelo conhecimento: não posso extrair das coisas mais do que aquilo que já me pertence” (FW/GC, §242). Essa compreensão é responsável por uma significativa ampliação das matrizes interpretativas utilizadas na análise do conhecimento humano e de seus resultados como representações perspectivas da efetividade. A partir dela a atividade e as funções primárias do intelecto humano precisam ser apartadas de qualquer vinculação natural com um saber decisivo com respeito à vida e ao mundo.

Indicar a falibilidade do anseio pela compreensão essencial da realidade significa na filosofia de Nietzsche uma ampliação quase que sem limites das possibilidades interpretativas do mundo e da vida. Trata-se com isso de um claro movimento de inversão e contraposição ao racionalismo essencialista da metafísica, pois então a multiplicidade, dinamicidade e singularização, em última instância indeterminável de seres e casos, antes de significar algo a ser superado, são saudadas como signos de necessária ampliação dos horizontes da ciência. A indeterminação, agregada ao saber, deve precisamente funcionar como força motriz para uma nova forma de busca pelo conhecimento compreendido como algo em última análise inexistente (FW/GC, §265). Ela deve impulsionar tanto a filosofia quanto a ciência à avaliação positiva das infinitas possibilidades de investigação e de interpretação. Um modelo para a proposição desta nova perspectiva para o saber é encontrado por Nietzsche na arte não moralizada, ou seja, naquela não restrita a limitações morais, estilísticas ou formais, muito embora estas sejam inseparáveis da atuação e interpretação artística (WS/AS, §122). Livre da tirania do conteúdo e da forma a arte torna-se também um vasto mar de criação de novos conteúdos e de novas fórmulas sem, no entanto, necessitar acreditar na obrigatoriedade impositiva de qualquer um destes. É esse o exemplo que a ciência pode dela assimilar, a necessidade da liberdade de criação de formas novas de ver e interpretar a efetividade, muito embora permaneça a diferença entre ambas determinada pela necessidade científica do rigor nos processos metodológicos e dos resultados apresentados, em diferenciação para com o jogo de formas das artes (WS/AS, §123).

Apartada da diferenciação dicotômica entre fenômeno e coisa em si, essência e aparência, do mesmo modo que da aspiração por um saber absoluto, ciência e filosofia adquirem para Nietzsche a conotação de um jogo não previamente determinável de criação de formas e modelos interpretativos potencialmente sempre falíveis – pois a realidade não deve mais ser pensada enquanto possuidora de identidade ontológica

passível de ser determinada e, portanto, conhecida (NF/FP 11, 25[318] primavera de 1884). Com isso abrem-se duas novas perspectivas, a histórica e a psicológica, voltadas à compreensão do esforço humano de inquirir o existente e que não estão relacionadas ao desejo de definição ou esclarecimento determinante do que venha a ser a realidade. História e psicologia em Nietzsche têm a função de redirecionar o foco da análise das questões relativas à verdade e ao conhecimento. O autor as mobiliza para considerar não o objeto pensado ou como deve se dar a sua apreensão, mas para pensar exterior e interiormente a proveniência humana desta aspiração. Não se trata mais de buscar a resposta à questão ancestral sobre a identidade do conhecimento ou de como ela pode ser obtida, mas de compreendê-la como uma das criações humanas sem necessários correlatos no mundo e que, por este mesmo motivo, não podem ser conhecidas por análises circunscritas ao interior dos domínios da ciência e da metafísica.

É, portanto, a partir do homem, histórica e psiquicamente pensado, que se deve iniciar um questionamento probo acerca do conhecimento e de seus temas. Nesse sentido, ele busca afastar-se de qualquer pressuposto que o aproxime de uma transcendentalidade do sujeito, do mesmo modo que de pressupostos que o possam remeter a uma exterioridade do objeto, passível de ser captada primeiro. Assim, qualquer consideração do existente permanece para ele uma mera representação, originada de experiências das coisas, mas também imiscuídas de dados corpóreos, pulsionais e morais, sem que a ela possa ser atribuída a descrição de qualquer estrutura fundamental do objeto (NF/FP 12, 2[83] outono de 1885-outono de 1886). É nesse sentido que para Nietzsche consiste em um grande avanço aprender “que qualquer moralia nada tem a ver com a coisa em si, mas que é “opinião” e que pertence ao domínio do altamente mutável intelecto” (NF/FP 8, 23[152] final de 1876-verão de 1887).

Pressupor que o existente é sempre algo de outro que as representações que elaboramos dele (Wirklichkeit) não significa recair em qualquer posição agnóstica ou pessimista, antes, tal posicionamento visa precisamente um efeito contrário. Ele tenciona superar a imobilidade do pensamento metafísico, assim como a crença positivista de que um mero afastamento com relação a esta poderia garantir uma via confiável para a busca do saber. Uma primeira e significativa via de análise deste afastamento, que deve ser mencionada, mas não pode ser totalmente explorada aqui, nos remeteria novamente à psicologia e ainda à fisiologia humana, mais especificamente no

que se refere à necessidade do intelecto humano de conferir identidades estáticas à multiplicidade dinâmica e díspar, assim como ao operador teórico da vontade de poder, enquanto tendência biológica dos seres em expandir suas áreas de atuação. Este segundo aspecto oferece argumentos importantes à interpretação das ciências levada a cabo por Nietzsche, decisivamente no que diz respeito ao anseio desta pela dominação e mesmo correção da natureza (NF/FP 11, 25[308] janeiro de 1884). Outra abordagem, já anteriormente mencionada, do problema das concepções de saber da metafísica e das ciências é a análise da justificação moral de ambas, identificável em suas aspirações por estabilidade e determinações.

Toda ciência ou filosofia que busque e objetive decisivamente a obtenção de um conhecimento estático e fundamental sobre o mundo, da sua razão suficiente, padece de influência metafísica, por conseguinte moral (SPIEKERMANN, *Naturwissenschaft als subjektlose Macht*, p. 10), e por isso apartou-se da investigação proba da realidade e das representações universalistas (Wirklichkeiten) que construímos dela. Nietzsche denuncia a paralisia de toda concepção de saber que só obtém justificação por meio de esquematismos de proveniência moral, que geram apenas convicções, as mais perigosas inimigas da verdade (MAI/HHI, §483). Elas desconhecem e mesmo impossibilitam as análises históricas e psicológicas da origem dos pressupostos humanos de consideração e valoração, fontes da incapacidade humana de representar um acontecimento sem intenção. Distanciada da crença nestes esquemas fundados em dicotomias excludentes, a filosofia de Nietzsche propõe uma reabertura da problemática acerca das noções de efetividade construídas pelo homem. Estas são por ele tomadas como problemas em aberto e que devem ser interpretadas de maneira amoral, a fim de terem verdadeiramente consideradas as suas possibilidades e alcance. Mesmo compreendendo que a efetividade a qual nos referimos será sempre uma forma de interpretação da realidade não essencial (FW/GC, §373), essa infinita possibilidade de interpretação deve tornar-se o próprio princípio motor da busca pelo conhecimento (Idem, §335). Isso o remete uma interpretação criadora e similar a da arte aplicada à filosofia e à ciência, do mesmo modo que à justificação estética das duas, a partir do ponto de vista de que a infinita potencialidade de interpretações acaba por revelar-se beleza de profusão de formas e possibilidades. A filosofia e a ciência das quais nos fala Nietzsche devem partir de uma auto-compreensão de sua origem humana para então, identificando seus limites, considerarem criticamente os seus próprios esquemas interpretativos, sempre de

forma amoral e rigorosa. Disso deve resultar uma atividade criativa e incessantemente dinâmica, não mais baseada na verdade ou conhecimento absoluto, mas no experimento e na geração incessante de formas de interpretação. Trata-se da aceitação positiva de um critério ilimitado de inquirição do existente (Realität), tomado como algo outro que nossas representações e esquemas, e extremamente mais complexo que estes. Contrariamente à possibilidade de ser considerada cética (NF/FP 11, 35[36] maio-junho de 1885), a supressão do conhecimento e da verdade absoluta deve ser entendida como fonte de força criadora e de contraposição ao nihilismo moderno, resultante do desalento causado pela insustentabilidade dos antigos ideais (FW/GC, §324).

A reflexão de Nietzsche sobre a ciência e, conseqüentemente, a sua proposta de uma filosofia efetivamente voltada para o saber, muito embora o tempo decorrido de sua formulação, apresenta ainda um significativo potencial de análise no que diz respeito às ciências na contemporaneidade. Em sua tentativa de amoralizar a ciência, para que com isso ela possa ser melhor interpretada como perspectivística, por conseguinte como produtora de valores, Nietzsche oferece ainda uma via importante à consideração da atuação científica hoje, decisivamente voltada à análise de seus modelos de interpretação. Ao indicar o saber humano como produção constante de perspectivas – afastando-o da aspiração por uma verdade acerca do existente, do mesmo modo que de uma positividade intrínseca – o filósofo indica a limitação do saber científico, mas ao mesmo tempo saúda a sua nova amplitude de atuação possível, pois o vê liberto de todo dogmatismo moral e potencialmente voltado para a atividade interpretativa que lhe deve ser própria, pois “o mundo não é uma unidade, nem como sensorium, nem como ‘espírito’” (GD/CI, “Os quatro grandes erros”, §8). Em Nietzsche esta opção se dá em oposição a toda forma de dogmatismo e de hegemonia avaliativa, mas ela não é incondicional. Ao mesmo tempo em que indica a necessidade de um saber extra-moral, ele também menciona os perigos deste, remetendo aos seus leitores à necessidade imprescindível de análises crítico-interpretativas e atentas a condicionamentos.

Referências Bibliográficas

ABEL, Günter. Bewusstsein – Sprache – Natur: Nietzsches Philosophie des Geistes. *Nietzsche-Studien*, Berlin, v. 26, n. 26, p. 1-43, 1997.

FREZZATTI, Wilson Antonio. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo: INIJUÍ, 2001.

GIACOAIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

KAULBACH, Friedrich. *Nietzsche Idee einer experimental Philosophie*. Köln/Wien: Böhlau, 1980.

MARQUES, Antônio. *A filosofia perspectiva de Nietzsche*. São Paulo: INIJUÍ, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sämtliche Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin-New York: W. de Gruyter/DTV, 1980.

SCHLINGEN, Erwin. *Nietzsches Theorie des Bewusstsein*. Walter de Gruyter: Berlin/New York, 1999.

SPIEKERMANN, Klaus. *Naturwissenschaft als subjektlose Macht: Nietzsches Kritik physikalischer Grundkonzepte*. Berlin/New York: W. de Gruyter, 1992.